

4. GEORGES MATHIEU OU A PINTURA-MÃE

O pintor que tenho na minha frente, jovem ainda, de grandes bigodes rilkianos (opostos aos bigodes demoníacos de Dalí, voltados para cima os deste, e muito subtis, como os chifres de um mefistófeles intelectual, de pontas caídas o de Mathieu e fartas de pêlos), é uma das personagens fundamentais da minha «viagem», pois centra na sua obra, na sua cultura pessoal, na sua actividade ante a vida e a arte, as qualidades hoje imprescindíveis para que um artista seja aquilo a que poderia chamar-se «um cibernetista», ou seja, um timoneiro (do grego *kibernan*, que significa «governar», «segurar o timão»). Durante a conversa que travei com ele na sua casa-estúdio de Paris, não muito distante da de Abellio, e que se prolongou por mais de quatro horas, falámos de tudo, focámos muitos problemas concernentes às artes, à literatura, à arquitectura, às ciências, à filosofia, subimos e descemos escadas, mudámos quadros, observámos maquetas, saltámos de um piso para outro do edifício onde reside Mathieu, a sós com as suas cores e as suas ideias. A personagem que domina este mundo, esta paisagem, é Luís XIV, o homem que simboliza o amor pelas artes, génio, condutor (ou cibernetista), prestígio nacional, sentido de hierarquia. Neste aspecto, Mathieu é um monárquico, ou seja, algo que não se vê todos os dias, sobretudo em Paris, onde os artistas alardeiam e presumem de republicanos e onde o anti-conformismo consiste em ser-se mais conformista que o nosso vizinho.

Mas Luís XIV quer também dizer aquilo a que Jünger chamaria «a flexão dos tempos», o momento em que se abriram as portas do tempo velho, forçado a render-se às necessidades impostas pelo tempo novo. O mundo conhece naquela altura dois grandes acontecimentos que obrigam àquela flexão: Kepler e Copérnico dão-se conta de que a Terra não é o centro do Universo, que gira em torno do Sol e não o inverso, o que provoca todo o movimento de desespero e de angústia arquitectónicos do barroco. E Descartes trata de fundir num só *élan* criador a ciência e a filosofia, ambas baseadas na razão.

É na verdade o que sucede actualmente a outro nível — assim me dizia Raymond Abellio. E este momento da nova flexão, no qual a física se está a conjugar com a metafísica em benefício dos homens,

encontrou neste pintor um dos seus melhores intérpretes. Para mais, Mathieu está convicto de que foram sempre os pintores que precederam as descobertas dos cientistas e dos pensadores, intuindo melhor que os outros artistas as novas significações do Mundo. Eu não estou totalmente de acordo com isto: penso, antes, que cada época foi profetizada ou sintetizada de alguma forma por outro tipo de artistas. Parece-me evidente que o próprio século de Luís XIV foi mais claramente anunciado em todas as suas implicações filosófico-científicas, e políticas também, por certos poetas e por certos místicos de novo cunho, como o cientista Pascal, do que pelos pintores. É certo, porém, que o nosso tempo, com a sua degenerescência dos valores descrita pelos romancistas, tem em alguns pintores, como Van Gogh, Cézanne, Braque, Modigliani, Picasso, os expressionistas em geral, os *fauves*, os seus melhores profetas. A evolução do figurativo para o abstracto reveste-se dos mesmos aspectos que as ciências e a filosofia, desde o positivismo e o materialismo até ao princípio da incerteza formal e da nova metodologia aberta.

Desde o início da nossa conversa, o debate centrou-se neste tema, quase mágico, que percorre todos os subterrâneos e galerias que sustentam o edifício aparente do nosso tempo.

Vintila Horia — Poderia dizer-me algo acerca do influxo das ciências sobre as artes? Como acabou de declarar-me, leu Lupasco e admira-o. Desde os alvares deste século verifica-se uma espécie de patente paralelismo entre as artes e as ciências, estas dominando aquelas com todo o peso das suas descobertas revolucionárias.

Georges Mathieu — Eu diria que sucedeu exactamente o contrário. Foi sempre a arte que dominou sobre as ciências. Para mim é evidente que todas as evoluções científicas ou filosóficas do século XIX foram precedidas por algumas obras do pintor inglês Turner, e que o fauvismo e o cubismo, que datam de 1905 e 1907, respectivamente, anunciam tudo quanto virá a verificar-se nos campos da física de Einstein e Heisenberg. O indeterminismo e o relativismo que provocam uma ruptura no tocante à causalidade, implícita em todo o pensamento hegeliano e marxista, desencadeiam implicações de toda a espécie, concentradas no entanto em torno da necessidade de uma nova lógica e de uma nova metodologia, como tão justa e admiravelmente o afirmou Lupasco. Numa obra recente, Oscar Mor Genstern afirma crer que os poetas deveriam ser inquiridos acerca dos futuros destinos do Mundo. O mal é que a mensagem de todo e qualquer artista se expressa numa linguagem mais ou menos cifrada. Ora onde vê hoje os possíveis intérpretes de semelhantes mensagens?